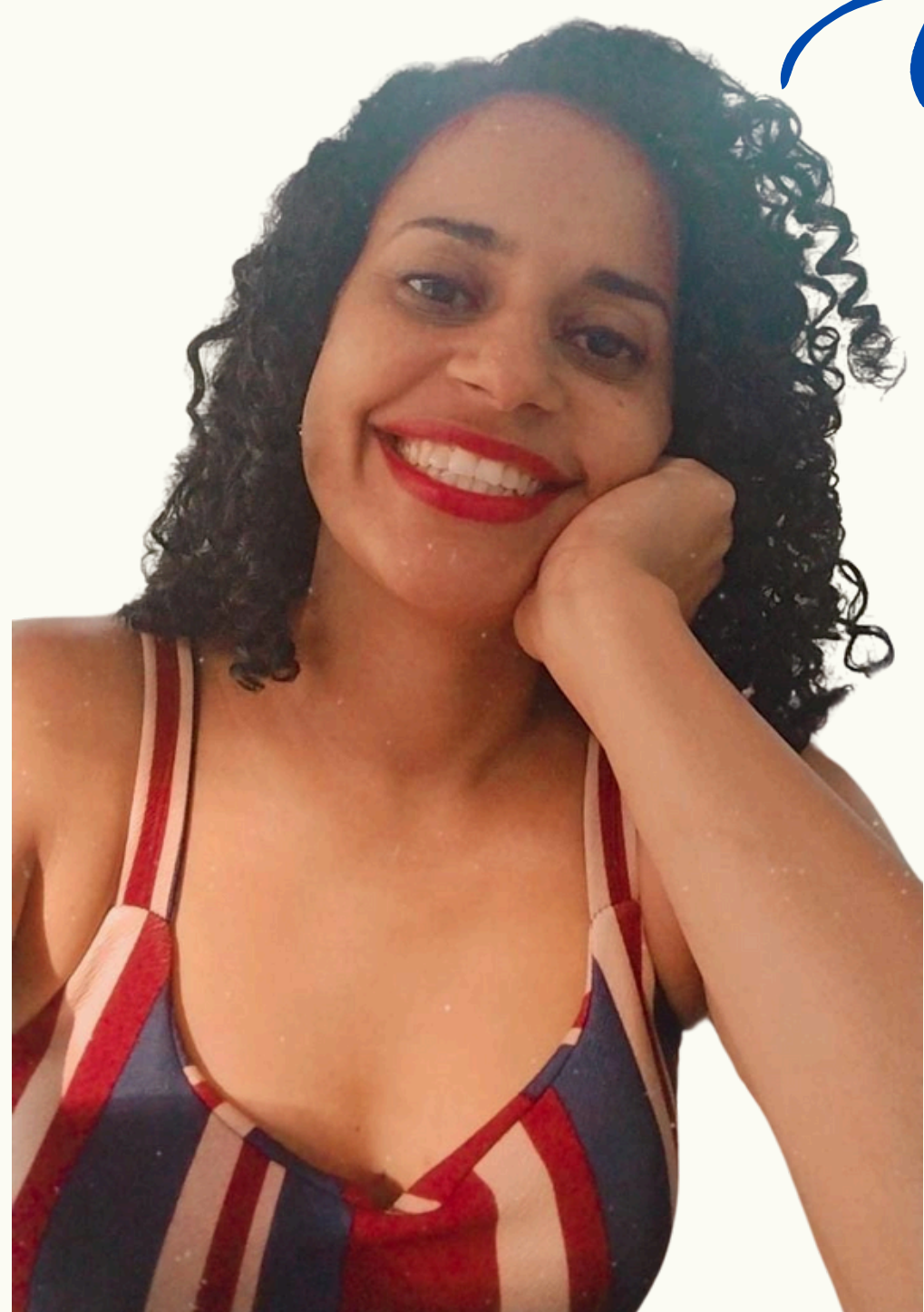


Entrevista



Lígia Maria Chaves Ramos é licenciada em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestra em Literatura e Representação, com a dissertação "Jarid Arraes e seus cordéis feministas: o soar de vozes negras silenciadas", pela UFMS, doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e docente da Escola Estadual José Antônio Pereira, em Campo Grande.



Marcelo de Jesus Lima é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), licenciado em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi), mestre em Estudos Culturais pela UFMS e doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Confira a entrevista com a professora Lígia e com o professor Marcelo:

No movimento de luta contra o racismo, qual o significado do 13 de Maio?

Lígia: No contexto atual, o dia 13 de Maio marca a luta e resistência negra frente aos mais variados padrões de preconceito e violência.

Marcelo: O movimento negro é heterogêneo, podendo ver o 13 de Maio de diversas formas. Mas uma visão dominante sobre essa data dentro dos movimentos negros é de que ela não passa de uma farsa, o que exige uma segunda abolição. Essa visão se ampara na constatação de que os problemas enfrentados pela população negra ainda hoje são estruturados pelos séculos de escravidão, como o genocídio, encarceramento em massa, marginalização econômica e política.

Qual a importância da denúncia para a edificação de uma sociedade menos racista?

Lígia: Por meio de denúncias, é possível o enfrentamento de questões referentes à violência étnico-racial. As denúncias, os debates e a divulgação de campanhas de conscientização, promovem possíveis rupturas com as velhas práticas estruturais de racismo e colonialismo do poder.

Marcelo: A denúncia é fundamental, pois ela escancara o racismo de uma sociedade que jura de pé junto que vive uma democracia racial. Mas as denúncias acontecem há tempos e, cotidianamente, vemos preconceitos e discriminações raciais em todas as esferas da nossa vida. Isso demonstra que a denúncia por si só não basta. Uma sociedade racista possui bases econômicas, políticas e culturais racistas. O fim do racismo passa pelo fim dessa sociedade. Não é à toa que os movimentos negros do século passado foram tão afetados pelas revoluções anticoloniais e anticapitalistas ao redor do globo.

Em seu caso, como foi o processo de construção da consciência de negritude?

Lígia: O processo de construção de minha consciência de negritude foi um tanto tardio, visto que sofri diversos tipos de preconceito racial e de gênero, pelo fato de ser negra, mulher e oriunda da periferia do Rio de Janeiro. Não tenho lembranças de estudar questões étnico-raciais na escola, muito menos de me apresentarem literatura negra. Era sempre o branco colonizador contando histórias de meus ancestrais. Somente aos 27 anos decidi libertar os meus crespos e assumir minha identidade negra. Para fomentar memórias afetivas em minha filha, passei a buscar escritores e artistas negros, formei "alianças" com colegas pesquisadores e, aos 32 anos, passei a integrar um projeto de pesquisa com a intenção de compreender melhor sobre a temática que envolve o desmonte de padrões hegemônicos de preconceito racial. Hoje, como professora e doutoranda, busco me aprofundar em referenciais literários e teóricos que me ajudem em minhas práticas políticas e pedagógicas.

Marcelo: Eu tenho uma aparência que não me permitiu me descobrir negro. Sempre fui apontado como negro, mesmo que durante a minha infância eu quisesse negar isso. Mas ser tachado como negro é uma coisa; reconhecer-se como uma pessoa negra é outra. Ler "Pele negra, máscaras brancas", de Frantz Fanon foi fundamental para esse processo de construção da negritude. Com Fanon, percebi como nossas experiências como pessoas negras eram compartilhadas ao redor do globo, já que nós vivemos o resultado da colonização europeia e da escravidão. Foi uma forma de me situar no mundo, de constatar que esse mundo que vivemos foi construído através da exploração de nossos corpos. Constatar a posição no mundo passa também por uma proposta para esse mundo. Como Fanon, aposto numa revolução que leve o fim deste mundo e a construção de outro, um mundo que não se baseia na exploração de corpos de pessoas negras e de mais ninguém.